

APALAVRAÇÃO & ARRECIFE DOS NAVIEIROS

Wander Lourenço

Apalavração

P'ra se tornar um trovador, quiçá seja preciso descobrir debaixo da pedra de rio
A infância a se reinventar pela memória moldável em barro de tempo-oco do buritizal
Que há de se alinhar co' bordado de lã e versos por sobre pergaminho de pele de ovelha
Da imaginação mais lúdica e fértil, em brincadeira de faz de conta de se estar face a face
Co'o Deus anônimo e palpável, apto a hastear o pôr do sol por dentro da noite negra
Por entre frestas duma primavera enluarada a se indagar se a constelação celeste
Inda (a)floresce em meio à frágil existência em intento de depurá-la em sublimação
Efêmera do instante mágico e ilusionista da humana criação.

P'ra se tornar um trovador, creio que, quiçá, seja aconselhável capturar co'a rede de
caçar Ideias-borboletas cor de sol, co'a fragrância mais ínfima da essência
De um lírio azul a se aninhar em vozes de ternura, que afloram em crucial momento
De se decidir por um vestígio de curupira e saci-pererê; e, quiçá, seja factível investigar
O percurso das formigas operárias, decifrando partituras das cigarras prazenteiras,
A fim de que se descubra orquestração da sobrevivência, que se perfaz ou se liberta
Por arranjos serafínicos de flautim, a partir de um instante de eternidade a se perpetuar
No canto orfeônico de um sabiá pousado à mão direita dum ipenheiro amarelo.

P'ra se tornar um trovador, quiçá seja imprescindível adivinhar a cor dos olhos
Duma estrela-cega decaída num vilarejo longínquo a se homiziar por paragens-confins
Dum reino equidistante onde se abriga a flor do olvido que se apropria do aroma
Da alvorada em tácito gesto de encantamento co'os tons sete-colores do arco-íris,
De modo que inspiração se emoldure por traços que se traduzem pela pregação inglória
Dum louva-deus ou pela labuta pacífica do bicho-da-seda sobre tela de pintura dar à luz
A um desenho esboçado por Querubim rebelde a esquadrihar-se por aquarelas híbridas
Ou mímicas de cada qual ser em si por entre-manhãs entardecidas.

P'ra se tornar um trovador, quiçá seja inevitável se lambuzar co'o mel vívido
Das abelhas quilombolas ou alumiar-se co'o lusco-fusco dos pirilampos orvalheiros
A sublinhar imagem duma aurora navegante, por sobre arrebol afeito aos alvores do luar
Em rabiscos e timbres imemoriais em obra de enobrecimento do mistério do alvorecer
A sobrevoar remoinho ávido por alcançar rabo de vento que conduz ao infinito
A arvorar-se por desenredos e sombras de lucidez em beiral de ribanceira do precipício
Ou trapézio às margens do abismo apalpado de andorinhas solícitas a remendar-se
Pelo ritmo freático do assombro de vida a se beneficiar dum sopro de alumiação.

P'ra se tornar um trovador, enfim, quiçá seja indispensável se insinuar
Pelas palmas ciganas das mãos sôfregas a apalpar segredo de celebração a germinar-se
Ao movimento sobrevivente do girassol sobre órbita da terra de cuja lavouração prosaica
Se há de extrair cerne da lida subscrita em mensagem mais abissal ato de libertação
Que, deveras, se instaura na alma de artista que se aventura a (des)equilibrar-se
Por sobre a ribalta do vocábulo mítico em metafórico ritual de escrevinhamento
D'alma em cais de encantaria aportada sem âncoras, astrolábios ou bússolas
A arrimar-se por silêncios inauditos que inscrevem por Apalavração.

Arrecife dos Navieiros

Eis os manuscritos apócrifos d'assenzala para o além-mar do Foral de Olinda
Do que se houvera pelos chãos de pedra ancoradouro Arrecifes dos Navieiros
Dos embarcações em cais de saudade onde ancoravam naus-caravelas infindas
De pau-brasil fumo-d'angola, dos lotes d'ouro, das mercancias, dos marinheiros

Às margens canavieiras dos antigos engenhos que roçam as navegadoras aguarias
Do Capibaribe n'onde aportara o fadário negro do escravo de nomeada Damião
Que púrpura encantação de pele pela sinhá-branca Violante de Góes da Capitania
De Pernambuco, consorte do fidalgo D. Fernão de Góes de Itamaracá, o Barão

Atraído pelas rudes mãos do destino quando a esposa Violante e o reles amante
O escravo de ganho Damião de ofício-estivador que aportara em vil desembarcação
Que às cegas amarras s'embrenharam por porões labirínticos do coração navegante
Ah quem diria que torpe aleivosia do escravo maledicente de fato adviria da paixão

Em pelourinho d'engenho aferrou-se o negro Damião por cruéis correntes e açoites
Pela castigação d'assantrar couraça do cativo ladino em madeiro de humilhação atroz
Por desagravo da injúria de famí'a gorjeio do vergáio que rugia sobre silêncio da noite
Que invadia casa-grande onde Dona Violante Góes fora trancafiada feito bicho feroz

Não obstante, apertencesse ao escravagista D. Fernão de Góes, o Barão de Itamaracá
Que co' o todo fervor não aperdoou ultraje do preto desabusado que fez abrolhar rebento
Abastardado em ventre proibido da sinhá-branca d'Engenho Bom-Amparo do Jequitibá
Salvo engano, querubim fora ajogado à moenda de cana-de-açúcar por mando-contento

Do senhor de terras em desonra insultado por obsceno gesto bárbaro do preto-chinfrim
Qu'ordenou que s'arretalhasse carne-viva do finório co'as mil sangrentas chicotadas
Qual naváia de fio d' aço afiado a destroçar os pecados desmaiados sobre terra-carmim
A pagar co'vida pela safardança desfeita d'raça contra Siá Violante de Góes violentada

Defronte d'assenzala d'Engenho Bom-Amparo do Jequitibá corpo negro inerte-mutilado
Por chicoteio do Feitor Florenço como s'estalasse preito qual coice-cego cruel vingança
Por ter feito mal a Dona-Siá Violante de Góes negro de ganho Damião for' é massacrado
Como afaz co'fruto da cana-doce a s'esmagar pr'azafamar lida em bem-vinda chegada

Aporém, diz que d'aviltamento d'escravo Damião a denegrir bastardia de defeito de cor
A que Dona Violante de Góes dera luz ao coibido fruto por nascituro de má-sina e sorte
Depós d'avinhorada ceia advém preto-manquejo co'o punhal em manejo a se sobrepor
O vulto mal'assombrado do negro Damião Barão D. Fernão de Góes alvejado de morte.

Wander Lourenço

Pós-doutorando em Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, Diretor dos documentários “Carlos Nejar - Dom Quixote dos Pampas” e “Nélida Piñon, a dama de pétalas”, Cronista do Jornal do Brasil ? www.jb.com.br, Professor substituto da Universidade Federal Fluminense (2006-2008), Diretor Adjunto do Curso de Letras da Universidade Estácio de Sá ? Estado do Rio de Janeiro (2008-9), Coordenador de Letras das unidades Jacarepaguá, João Uchôa, Barra World (Recreio dos Bandeirantes) e Niterói da Universidade Estácio de Sá. Professor Titular de Literatura Comparada da Graduação e Pós-Graduação de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa - Universidade Estácio de Sá. Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2006). Tese: Um réquiem para Diadorim: dois dedos de prosa-poética sobre o Amor e outras bossas no Grande sertão: veredas. Mestrado em Literatura Brasileira - Dissertação: Com licença, senhoritas (A prostituição no romance brasileiro do século XIX) - UFF (2001); Especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense (1996); e Graduação em Letras (1994) e Cinema (2007 - Incompleta). Autor dos livros O Dramaturgo Virgem (2005); Com licença, senhoritas (2006); Iniciação à Análise Textual (2006); Literatura e Poder - Org. Lucia Helena e Anélia Pietrani (2006); O Enigma Diadorim (2007); Solar das Almas e outras peças (2008), Eu, psicógrafo ? Teatro (2011), Antologia Teatral (2013), As aventuras da Bruxinha Lelé (2014), A lenda do Sabiá-Pererê (2018), Dramatologia (2019).